

**ENTÃO, SÃO DOIS TRABALHOS:
MENINAS NEGRAS, AMIGAS DO "CASTIGO" NOS PROCESSOS EDUCATIVOS**

Autora: Mayara Souza de Assis

Orientador: Gustavo Coelho Rebelo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo: Aprender é um processo difícil de contato com conhecimentos e sujeitos sociais, no entanto, não precisa ser vivido como experiência traumática, de insatisfação. A vida na escola apresenta às crianças pequenas as ideias coletivas da sociedade, mesmo quando inconscientemente. O presente artigo presta-se a observar a partir do campo da psicanálise a dobra dos efeitos nocivos dos "castigos" escolares como severas ferramentas colonizadoras, destinadas a mutilar a inocência de crianças negras, e, a figura do professor como potência capaz de perfilhar a estrutura estratificante da vulnerabilidade racial-histórica-social-política-econômica, a partir da aplicação de um Ideal descomprometido em pensar o corpo e a diferença nos processos educativos. Então, são dois trabalhos, às tendenciosas ideias coletivas de discriminação racial, onde aparentemente isola-se, para recuperar na tentativa de educar, ensinar. Acreditar nessa imagem contribui para a morte simbólica do direito a educação, a justiça e equidade.

Palavras-chave: Meninas negras, racismo, "Ideal do Ego" (SOUSA,1983), processos educativos.

O vasto campo da educação possui questões que afloram, a cada dia mais, mais urgentes e necessárias, no âmago das discussões e debates sobre o sentido de diferenças, diversidades, as exclusões e as vulnerabilidades nos processos educativos. Mesmo na salvaguarda de Leis, Conferências e Diretrizes Básicas, diante do acesso aos direitos a educação e equidade nos processos de aprendizagem, ainda surgem severos embargos e desigualdades, reproduzidos à revelia. Perfilhar, no campo da educação, alguns padrões e comportamentos adotados, ordinariamente, como ideias coletivas, é negligenciar que são aprendidos, ensinados e reproduzidos por sujeitos sociais independente dos espaços em que estejam.

O olhar para o racismo apresenta-se aqui como aquilo que a própria palavra vale, ao ser invocada: algo experimentado necessariamente como situação corpórea. Na minha escuta observadora, como participante da vida na lida, pretendo expor a metodologia de pesquisa com uma troca sincera através de diálogos, capazes de estimular a confiança e a entrega da criança com seu olhar sobre si, e a própria experiência dura e pessoal de viver a trajetória racial, por sentir, desde tenra idade, a pujança destruidora que o olhar pode ter. O presente trabalho faz parte da pesquisa dissertativa, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas (PPGECC/UERJ), interessada em juventudes em descolonização, com foco de estudo na vida emocional de meninas negras e de cor.

Construo esta pesquisa inspirada em meus muitos diálogos com meninas negras, de cor, funkeiras, pobres e faveladas, ao longo dos anos que tenho passado como professora de dança na cidade do Rio de Janeiro (com alguns intercâmbios). Percebo que a cada vez que dispomos o corpo como prioritário no processo educativo, estamos adotando em sala de aula o hábito de dialogar interdisciplinarmente a escola e o contexto no qual o professor (a) se insere: o mundo colonizado, que não se compromete com meu (nosso) corpo; não preciso me comprometer a comportar o Ideal deste mundo, que se recusa a escrita de histórias próprias [sobre nós]. Desta forma, dedico e entrego meu trabalho e minha vida como professora, às meninas negras, de cor, funkeiras e faveladas, aquelas que parecem mostrar a desobediência como Ideal a ser preciso Ser feito. É, tentar definir a Novinha, são dois trabalhos.

MENINAS NEGRAS:

Na escola, é comum presenciar o constrangimento com a criança. Talvez, os mesmos que passam/passarão, em casa, e nos diversos setores da vida social, que sofrerá com falta de consolo nos braços de familiares, ou de outros espaços e pessoas. Aprender é um processo difícil, que envolve compreender conceitos e concepções já preestabelecidas. Aprender é um

processo difícil, de contato com conhecimentos. Mas aprender não precisa ser vivido como experiência traumática, de “*dramática insatisfação*” (SOUSA, 1983). Aprender é um processo de interação entre o próprio corpo, o ambiente e os outros sujeitos sociais.

No terreno onde manifesta-se inconscientemente a cresça do insucesso na vida, à espreita, fora da sala de aula e muros da escola, indicando que alguns sujeitos aparentemente tiveram uma chance, mas foram incapazes de superar as intempéries sociais inerentes ao seu próprio Ser, escolarizar-se fica como projeto cada vez mais distante para crianças e jovens negros e em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Será que é possível garantir o diálogo sincero e antirracista com os alunos, em uma sociedade que torna de comum senso, entre os sujeitos, perfilhar posturas e atitudes racistas, mesmo com crianças?

Uma pergunta, apenas, para pensar as relações entre os sujeitos e seus processos educativos em sala de aula, ponderando sobre contexto social, vida emocional e saúde psicológica, além dos fatores interculturais, sociais, políticos, econômicos e históricos, que envelopam o aprender e o ensinar. São variáveis, que complexificam ainda mais a aplicação de práticas que minimizem o fator de exclusão no cotidiano escolar, mas que são de estreita importância para a observação do caráter evolutivo nos processos educativos das alunas e alunos. A educação só pode ser um processo quando entendido como instrumento que promova uma autonomia baseada em estímulos aos alunos. Quando compartilho, no ato de ousadia que é o ensinar, quero dizer que proponho aos alunos, uma escuta que vá além da nossa sala de aula, com nossos espelhos e ideais, expondo-os a atividades que deleguem, a elas e eles, poder de construir uma história sobre seus próprios corpos, a partir do olhar que se compromete em ver e ser visto, para isso que serve minha pesquisa sobre meninas "negras (pretas e pardas)" - como diz Marielle Franco, sempre #presente: para nossa "sobrevivência". (FRANCO, 2017 p. 89 - 95)

Entendemos, aqui, que gênero é uma construção social e histórica, moderada por processos culturais, sociais, políticos e morais, que compõe um conceito. O mais importante para esta pesquisa é saber que consideramos por gênero, a diferença de sexos fundamentada, sobretudo, biológica, ou, anatomicamente, e, também as constituídas em diferenças sociais, culturais e psicológicas levando em consideração prioritariamente o pertinente a divisão sexual do trabalho, procriação e reprodução, a diferença social entre homens e mulheres provenientes da socialização, desde a infância: sobre as nossas meninas, elas são as primeiras desfavorecidas em todas as esferas da vida, são as primeiras, do feminino da mulher, na linha de subalternização e violência. As nossas meninas são as filhas, de dentro dos sistemas sociais e organização de um esquema colonizado por homens adultos brancos que são a personificação " da dignidade diocésica patriarcal" (SANTOS, 2014, p. 104 - 105): o pai. As nossas meninas são as filhas

enfeitadas, expostas e abandonadas ao nascer, frutos do matrimônio infeliz entre uma colonização racista e uma sociedade multirracial.

Em 2017, foi publicada uma pesquisa intitulada com "*Gilhood Interrupted: The Erasure of Black Girls Childhood*" (Infância interrompida: o apagamento de meninas negras), organizada por três pesquisadoras do Centro de Direito da Georgetown sobre pobreza e desigualdade, da Georgetown University - Washington, EUA. Este estudo comprova, através de experimento social, que a presente sociedade norte-americana, representada por homens e mulheres com idades entre 25 e 34 anos, declara acreditar que meninas negras são mais maduras, menos inocentes e, além disso, aparentam ser mais entendedoras de assuntos mais adultas que meninas brancas da mesma idade. As pesquisadoras Epstein, Blake e González (2017) pela primeira vez exibem esses dados quantitativos sobre a temática e declaram que os participantes acreditam que:

Meninas negras precisam de menos nutrição; Meninas negras precisam de menos proteção; Meninas negras precisam ser menos apoiadas; Meninas negras precisam ser confortadas menos; Meninas negras são mais independentes; (...). Esses resultados são profundos, com grande alcance e implicação. Nossas descobertas revelam um potencial fator contribuinte para as taxas desproporcionais de tratamentos punitivo na educação e sistemas de justiça juvenil para com meninas negras. (2017, p. 1)¹

No Brasil, faz-se uma espécie de camuflagem em torno do racismo, parece que viver, na pele a desigualdade racial, é ter que conviver cercado pela falsa premissa de cordialidade racial para com os negros e pessoas de cor, tornando isso uma crença a ser aceita por todas e todos, fazendo com que uma grande parte da população acredite e perpetue a hábito de considerar como mera futilidade ou como desnecessário o debate sobre racismo, esta é a estrutura que se insere no seio da sociedade colonizada que somos, onde alguns setores simplesmente não se interessam em trazer tal temática à tona, por ser causadora de incômodos e estranhezas.

O multifacetamento do racismo e das desigualdades atreladas a ele, estão naturalizados entre nós " *decorrência do processo histórico específico ou uma construção econômica social e política*". (SANTOS, 2014, p.102). Nossos figurinos, posturas e nossas atitudes tem estreita relação com o nosso passado, presente e o quanto acreditamos no nosso futuro, crianças e adolescentes negros e de cor são herdeiros diretos de uma única certeza: um presente de

¹ Tradução não oficial, produzida pela autora deste artigo.

naturalizações das desigualdades baseadas na sua condição de existir, autorizadas pelo passado, que permite práticas mais violentas e injustiças de diferentes naturezas contra eles.

Crianças negras e de cor, em específico estão ainda mais agudamente posicionadas em condições de embargo, dominação e restrição de seus direitos, portanto, seu sentido de sobrevivência é de alguém que é flagrado diante de intensas interdições. Fazem parte de seu repertório: Baixa escolaridade, evasão escolar, proximidade de convívio com poder paralelo e paramilitar, afastamento de empatia por parte do Estado e forças protetoras, impedimento externo alheio a própria vontade de estar na escola. Alunos que acabam adotando para si uma postura de menor expectativa com a escolaridade, com o mercado de trabalho e, possivelmente, desenvolvem um comportamento cético às agendas de futuro em outros setores da vida. Ignorar ou negligenciar as desigualdades raciais, é dar espaço para a continuidade e manutenção dessas desigualdades na sociedade como um todo," *passando inclusive pela escola, fazendo com que negras e negros tenham menor ou pior acesso à educação formal*" (SANTOS, 2014, p.103).

A palavra vale pelo que ela convoca, falar do racismo é coisa *de* negro, e, falar desta temática no Brasil engloba muitas vezes também assumir a estratificação dos sujeitos em uma estrutura onde ser negro, ou ser lido como negro lhe assegura um tipo de tratamento desumano e desigual. As crianças das quais estamos falando crescem em meio a situações que envolvem extrema violência física, moral e psicológica, por parte do seu ambiente: um verdadeiro castigo.

"AMIGO DO CASTIGO":

A seguir, como objeto para análise, trago transcrito os momentos de um diálogo, entre a pesquisadora deste trabalho e a menina Alice, sobre um dos seus episódios escolares, apontando como tema a desobediência e a bagunça. Alice frequenta uma escola pública municipal no Rio de Janeiro, destinada ao seguimento da educação infantil e primeiro seguimento do ensino fundamental, pertencente ao programa conhecido como Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI), este espaço situa-se a poucas ruas de sua residência em um bairro da Zona Oeste da cidade. Alice é filha de pai negro e mãe branca, ela compara o seu próprio tom de pele como sendo mais próximo do tom da mãe, portanto, autodefini-se como branca, "*mas meu pai é preto*", citando suas palavras.

[Pesquisadora]: - Então Alice, fez muita bagunça na escola hoje?

(Alice): - *Não, eu não faço bagunça, quem faz bagunça fica de castigo. Nem tem bagunceiro na minha turma. Só tem duas, a Lara e a Ana Beatriz.*

[Pesquisadora]: - E por que você acha que elas são bagunceiras?

(Alice): - A Lara, ela que fica gritando e brincando quando a tia fica passando trabalhinho. Ela nunca pára quieta, nem na hora de dormir, aí a tia coloca ela de castigo.

Sabe, a gente falava [chamava] ela de índia [risos] porque ela dormia no chão puro, ela não queria parar quieta, fica imitando os bichos, assim, pulando e gritando

[Pesquisadora]: - E ela parece uma Índia mesmo?

(Alice): - Não, a gente chama ela assim, porque ela parece índio: fica subindo em árvore e imitando bicho. Mas ela não tem cara de índio, ela tem um cabelo grande preto e tem a pele branca, mas assim, igual a mim.

[Pesquisadora]: - E você é amiga da Lara?

(Alice): - Não, não pode, a tia disse que quem for amigo do castigo, vai pro castigo também. Só quem é amiga dela é a Ana Beatriz, que fica de castigo com ela.

Só a Ana Beatriz é amiga dela, a Lara também é amiga de todo mundo, mas, ninguém é amigo dela.

Eu queria ser amiga dela, mas ninguém quer ficar perto. A Lara está sendo mais gentil, antes de ter a Ana Beatriz, não, mas agora, ela está sendo mais gentil, ela empresta as coisas dela para todo mundo e ensina todo mundo a subir na árvore igual a ela, com muito cuidado.

[Pesquisadora]: - Então quer dizer que agora você é amiga dela?

(Alice): - Não, por que eu não quero ficar de castigo e elas são bagunceiras.

[Pesquisadora]: - E porque você acha que ela ficou mais gentil? Foi porque ela ficou de castigo sem ninguém falar com ela ou porque teve a Ana Beatriz que virou amiga dela no castigo?

(Alice): - Acho que foi por causa da Ana Beatriz

[Pesquisadora]: - E você acha que ficar sozinha, sem ninguém conversar com você é legal ou é ruim?

(Alice): - É ruim, ninguém quer ficar sozinho, mas não pode ficar todo mundo de castigo, né?

[Pesquisadora]: - Ou será que pode? Eu não acho o castigo uma coisa muito legal, ainda mais quando ninguém pode falar com ela, e, você bem me disse que ela ficou mais gentil quando apareceu a Ana Beatriz para ficar de castigo com ela. A Lara não é uma menina maneira? Ela faz coisas interessantes, tipo, subir na árvore, e, ela está ensinando a todos a fazer o mesmo? Ela de alguma forma está unindo os bagunceiros e os “não bagunceiros”, imagina só Alice: será que a tia pode colocar todo mundo da sua turma castigo? Ou pode ser mais legal, não ter castigo para ninguém, aí você conversa com a Lara, talvez ela só queira uma amiguinha, mais uma, e fazer bagunça faz parte da forma como ela consegue demonstrar isso, sem dizer.

"Sabe, a gente falava [*chamava*] ela de índia [*risos*] porque ela dormia no chão puro, (...) porque ela parece índio: fica subindo em árvore e imitando bicho. Mas ela não tem cara de índio." (Alice, em diálogo, 2018).

Quando Alice diz que, não somente ela, mas como a turma, em consonância, apelidam a Lara de "índia", o fazem sem compreender o sentido histórico e cultural ligado a esse hábito adotado, inconscientemente, como ideia coletiva da turma. Corresponde a definir a prática da desobediência ou bagunça da menina Lara ao seu comportamento causador de estranhezas: de imitar bichos e subir em árvores, por exemplo, atribuindo isso a um comportamento indígena, demonstrando uma fidelidade da menina Lara a um ato comprobatório de sua inaceitável disposição corporal infantil, primária, primitiva, distante de um Ideal filtrado pelos mecanismos de colonização: a Lara não é nem considerada uma menina.

Ao chamar Lara de índia, a ideia coletiva é definir e distanciar seu mal comportamento dos demais da turma. Por fim, Lara parece manifestar em seu corpo elementos de um conjunto de valores que orientam a visão coletiva da turma, e, embora todos sintam-se estimulados a aprender a subir em árvores como ela, a sua socialização como criança, como colega de turma e como aluna em sala de aula passa por aspectos distintos daqueles que apresentam um comportamento de "não índio", portanto, um comportamento colonizado: aquele que pode dizer quem é o índio, como se fosse este um defeito, talvez um defeito de cor, *de* corpo, é o colonizado [colonizador] pelo Ideal branco, ainda que não sejam brancos no tom da pele. Branco aqui é lido como o "Ideal do Ego" (SOUSA, 1983, p. 33 - 44).

Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem sucedido. Noutro momento, branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido. Escolha singular, fixada à revelia de quem apenas deve a tal modelo configurar-se." (SOUSA, 1983, p.34)

E nessa construção de Ideal de Ego branco, a regra base que se impõe ao negro é não ser negro, ou melhor dizendo, ser o mais próximo da figura dominante, e, recuperar-se de qualquer mancha negra, nem que isso signifique rejeitar, desprezar e violentar o próprio corpo.

O Ideal de Ego branco do domínio simbólico e possuidor dessa natureza fantasmática, tenta capturar novas formas de se engendrar e se infiltra, com suas incabíveis exigências de atingir algo, que sempre será inalcançável: e uma criança é considerada bagunceira por dormir

no chão puro, por brincar "fora de hora", subir em árvores, imitar os animais, uma criança é considerada bagunceira por manifestar o comportamento natural de uma criança. Ou será que ela não está sendo lida como criança em suas atitudes?

O Ideal do Ego é forjado desde modelos de referência no período da infância como em nossas relações com ideias coletivas, enfim, todas as referências que são oferecidas a nós no período das descobertas infantis e também todas as referências que acreditamos ter elegido por nós mesmos em fase adulta. E os degraus da insatisfação estão sempre construídos a mesma medida e proporção que nos readequamos a novas ideias, constrói-se então "*uma dramática insatisfação, a despeito dos êxitos objetivos conquistados pelo sujeito*", traduzida pela defasagem acentuada no processo educativo e formação desta criança. (SOUSA, 1983, p.38)

A *dramática insatisfação* pode aparecer, por exemplo, na busca constante por ser um Eu incapturável ao Ideal comportamental de boa aluna ou bom aluno, perseguido pela presença de uma dor e um vazio incapaz de ser preenchido, mesmo mediante incansáveis esforços. "*Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o defeito, para ser aceito (...) ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito*" (SOUSA, 1983, p.40), tampouco a exigente realização do Ideal do Ego. O aluno, a aluna, a criança não consegue articular a instância que o estrutura psiquicamente a Lei e Ordem, ou digamos que consiga, aparentemente após ser submetido ao castigo, condenada ao isolamento [será?]. Em minha constatação de pesquisa, são dois trabalhos, se por acaso a parceria "Lara e Ana Beatriz" não existisse, a única forma de articular a Lei e Ordem em sala de aula seria os mecanismos do isolamento utilizado pela professora, na tentativa de manter o ambiente harmonizado, sem se dispor a lidar com um corpo como o de Lara, um corpo bagunceiro, que poderia "contaminar" o restante da turma. E se contaminasse? Todos ficariam de castigo?

"(...) a tia disse que quem for amigo do castigo, vai pro castigo também." (Alice, em diálogo, 2018).

Aquilo de articula e vincula Lara ao restante da turma, é o ato de ensinar todos a subir em árvore, assim como ela, "com muito cuidado" (citando as palavras de Alice). É isso que articula Lara ao mundo, sua potência e disposição corpórea, não somente a dramática insatisfação de ficar de castigo. Lara encontra uma forma de se relacionar, ainda que ninguém "queira" [ou possa] ser amigo dela sobre o pretexto desconfortável de serem dispostos ao castigo. Que tipo de amizade é essa, que precisa ser escondida ou recusada? O que significaria ser amigo do castigo?

Ainda que o ato a subir em árvores fosse exatamente a justificativa encontrada para diferenciar e distanciar seu comportamento do restante da turma, ou mesmo tempo, passa a ser

o eixo onde Lara encontra para não sucumbir às "punições superegóicas" (SOUSA, 1983, p.42), ensinando a todos, com muito cuidado, a subir na árvore, além de não sucumbir ao sentimento de culpa e inferioridade, frutos do drama do castigo, Lara também encontra novas saídas para priorizar o corpo: que não seja pelo seu próprio, mas realizando-se no corpo dos colegas, que agora aprendem com ela a subir em árvores.

Então, são dois trabalhos, a incapacidade coletiva, que manifesta-se primeiro na figura da professora ("tia") em prover um tratamento apropriado e principalmente profissional, que compreenda a difícil tarefa de ensinar crianças, que precisa sempre estar repleta de empatia, esta incapacidade pode ser percebida na ideia coletiva da turma, de não querer ser amigo (declarado) do castigo, como instinto de autoconservação individual, de alguma forma a atitude da professora contribui para alguma discriminação em sala, neste caso, esta discriminação toma contornos racistas, quando a ideia coletiva é definir Lara como índia, e impossível de receber empatia e amizade, embora sua gentileza, presteza e comportamento magneticamente causador de estranhezas. Todos querem ser como Lara, todos poderia ser facilmente amigos de Lara, mas: o Ideal do Ego manifestado pela figura da professora não torna isso permissível, pois ser como Lara significaria precisar ser recuperado, ser amigo do castigo. A essa "incapacidade coletiva" de prover um tratamento, um serviço apropriado a alguém "*devido à sua cor, cultura ou origem étnica*", damos o nome de racismo Institucional. (SANTOS, 2014, p. 103).

O cotidiano escolar, está repleto de situações de humilhação, crianças negras, de cor e que são lidas como tal, são posicionadas diante de um sentimento de abandono, tendo muitas vezes como condutores professores omissões às suas próprias atitudes. Aprender é um processo difícil, no entanto não precisa ser vivido com dramática insatisfação. Por vezes, quando aquele que está posicionado como aluno, não atinge o Ideal previsto diante das Leis, regras, diretrizes e fórmulas que precisam ser atingidas, ele sente-se culpado, ou até mesmo é culpabilizado por este não êxito. Misteriosos mecanismos tendem a prestar-se como de recuperação desse aluno, atribuindo-lhe distúrbios a fim de apontar a ineficiência do aluno e não apontar uma ineficiência do sistema, práticas e medidas educativas as quais ele está sendo submetido, ou um conjunto ainda maior, que diz respeito a sociedade como um todo, igualmente responsável pelos seus processos educativos. Quando não se efetiva uma constatação de deficiência neurológica ou de qualquer natureza que aponte, qualifique ou justifique as dificuldades reais do aluno, devemos observar os problemas com o ensino e os sistemas a qual este aluno está sendo submetido

Desprestígio e insucesso, ensinados por uma série de movimentos sincrônicos dos mecanismos de colonização, crianças nessas condições, experimentam desde muito cedo que as suas vivências serão um pouco mais amargas e dolorosas, lançados ao isolamento: uma

menina não dar conta de concentrar sua atenção aos "trabalhinhos" em sala de aula, preferir dormir em chão puro, gritar, brincar "fora de hora", imitar os bichos, mas ao mesmo tempo, ser gentil e ensinar aos seus colegas uma habilidade de subir em árvores, e assim, ser destinada a um tratamento de isolamento capaz de violentar psicologicamente seu corpo, fazendo do aprender um processo traumático de dramática insatisfação consigo mesma, no qual a ela está constantemente destinada a condição de recuperação, uma "amiga do castigo".

ENTÃO SÃO DOIS TRABALHOS: Uma reflexão conclusiva.

Se é designado pelo professor que algum aluno precisa de tratamento distinto, atribuindo a seu processo educativo práticas díspares entre os alunos, além de não estar pensando o desenvolvimento com equidade, ainda estará se prestando a manutenção de outras práticas discriminatórias entre os alunos em sala de aula.

Então, são dois trabalhos: caso essas crianças sejam lidas como menos inocentes, poderão ser vistas como mais culpadas, e por consequência, seus "castigos" serão mais severos, por parte de equipe pedagógica, pais e até mesmo poder público. São dois trabalhos, caso sejam lidos como mais maduros, prevalecerá a ideia de que elas precisam de menos estímulo, proteção e apoio e, caso essas crianças sejam lidas como mais adultas, isso poderá ser traduzido também como necessidade de menos liderança e orientação, são dois trabalhos, que dificultam ainda mais os processos educativos e talvez futuramente sejam causadores de desgostos maiores, em nível social.

A autonomia disfarçada que se constrói nessas crianças, ao longo de seus processos educativo desproporcionais, refletem nas atitudes e posturas adotadas por elas, que podem ser interpretadas pelas esferas de poder como ameaçadoras para harmonização dos espaços, são dois trabalhos que reforçam o mesmo resultado nocivo: a necessidade que as ideias coletivas da sociedade manifestam em tendenciosa recuperação desses corpos, matizados diante do legado deixado pela discriminação racial em nosso país, que conclui a violência, e a própria incapacidade em lidar com a diferença em toda a conjuntura social, atribuindo uma punição mais severa ao comportamento de crianças e jovens negros e de cor. Aqueles que acreditam que crianças deste grupo são mais maduras, naturalizam a imagem estereotipada correspondente a um racismo não declarado. Aqueles que acreditam nessa imagem contribuem para a ameaça ao direito a educação, a justiça e a própria vida das pessoas negras e de cor, desenvolvendo crianças complacentes quanto ao futuro de insucessos, crianças que elaboram sua personalidade no costume de ter menos proteção e acolhimento, é uma morte simbólica. Neste ponto de vista,

podemos perceber que no que é pertinente a inocência e direito a infância e liberdade, não ser negro, nem ser lido como negro, como índio ou de cor: é um privilégio.

Neste cenário onde ter acesso ao ensino não significa ter êxito e possuir certificados de conclusão não assegura acesso a posições privilegiadas, esta breve leitura em forma de pesquisa sobre Ideal do Ego, dramática insatisfação e suas articulações com o racismo institucional, não presta-se a concluir um debate sobre os temas e tampouco a emprestar soluções objetivas para professores, alunos e pais, mas objetiva-se a trazer à tona considerações urgentes e *de corpo*: abordar o multifacetamento do racismo na educação brasileira, herdeira de práticas em processos de aprendizagem que corresponde a uma defasagem do direito a educação formal e equidade para com sujeitos dispostos em uma estrutura estratificante e valorativa racial-histórica-social-política-econômica de vulnerabilidade, que permanece ainda na atualidade. Não se deve pensar educação, sem pensar como ela está sendo distribuída, e, uma educação comprometida em sentido sensível e empática somente poderá ser pensada a partir da priorização do corpo e das questões dos corpos subalternizados, somente poderá ser pensada subindo em árvores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

EPSTEIN, Rebecca; BLAKE, Jamilia; GONZÁLEZ, Thalia. **Girlhood interrupted: The erasure of Black girls childhood.** 2017

FRANCO, Marielle. **A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente a retida de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra, favelada.** P. 89 - 95. In: Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil. Org: Winnie Bueno, Joana Burigo, Rosa Pinheiro Machado, Esther Solano. Editora Zouk. Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. **Crianças e adolescentes negros frente à educação e à escola: uma perspectiva sobre as desigualdades.** P. 98 - 115. In: A Lei 10.639/03 e a formação de educadores. História e a cultura africana e afro-brasileira na escola. Vol. 1. 2ª Edição. Org: Gonçalves, Maria Alice Rezende; Ribeiro, Ana Paula Alves. UERJ: outras letras. Rio de Janeiro, 2014.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Graal. Rio de Janeiro, 1983.